

Visando applaudir merecidamente a todos que trabalham pelo engrandecimento da nossa terra, surge hoje o "Clarim", esperando receber bom acolhimento especialmente da mocidade joinvillense, que tanto se preocupa em elevar nossa Patria.

Joinville, no seu afan de progresso, possui ao lado do constante movimentar de suas muitas machinas, moços que bem sabem engrandecel-a, mostrando assim lá fora que, ao lado do elemento estrangeiro, pulsam corações de verdadeiros brasileiros.

Aqui também se cuida da pureza da nossa lingua e da sua nacionalização, o que significa bem claramente que Joinville não é o que por ahi se pensa no que diz respeito a seus habitantes. E é para assegurar isto, que, oriundo exclusivamente da boa vontade de alguns moços, apresenta-se o "Clarim" prompto sempre a defender os nossos interesses.

Literario e humoristico offerecerá aos seus leitores alguma cousa do que ha de bom entre os nossos melhores escriptores, ao lado das produções dos que começam.

Na parte relativa ao humorismo, longe da critica mordáz e de ferir o amor proprio de quem quer que seja, censurará o que assim merecer, não eximindo, por certo, a mocidade de Joinville, que, reconhecendo ser justa a censura, a receberá de bom gosto.

13 de Maio.

Vergonhosa era a existência da escravidão para um povo que desde longos annos se dizia independente.

Primeiro, eram escravizadas as infelizes creaturas arrancadas á sua terra natal, que, arrumadas nos porões immundos dos navios, eram assim transportadas ás plagas brasileiras, talhadas a um futuro povo de sans idéas liberaes.

Comquanto fosse isto hediondo, mais digno de lastima foi a escravidão dos filhos destes desventurados, que, nascidos no Brasil, viviam tolhidos da liberdade no seio da propria patria, que se dizia ser um paiz livre.

E, quão amarga deveria ser esta privação debaixo do céu lindo do Brasil!

Antes, era o escravo saudosos das regiões africanas que trabalhava até a morte, tendo para descanso uma senzala sem asseio, preferivel em tudo aos miseros casebres da sua terra.

Depois, foi o captivo saudosos da liberdade no seio da propria patria que o escravizara.

Para ambos a mesma senzala, a ambos esperava o mesmo peberrinho.

MORTA!

(Para o Vian)

Morreu coitada . . . E eu ameia-a tanto
Que não posso esquecer-a um só momento;
Ella que em vida foi todo o meu encanto,
Será, agera, o meu maior tormento . . .

Em fundas dôres e copioso pranto
Fiquei, triste e só, no isolamento,
E ella partiu para o tumulto sacrosanto
Deixando eterno amor que eu alimento.

Tinha uma alma santa, virginal e pura
Que repousa para sempre lá na Altura,
Coberta com o branco véo da Castidade.

Morreu em pleno vigor da juventude,
Cheia de vida, de força, e de saúde,
— Morreu, coitada! E chamava-se Saudade . . .

Maio 1920

J. V.

Não deixou, porém a Providencia, de velar por elles.

A 28 de setembro de 1871 graças ao illustre brasileiro José Maria da Silva Paranhos, foi votada a *Lei do ventre livre*; 16 annos depois, no mesmo dia e no mesmo mez, outros incansaveis brasileiros conseguem libertar os escravos senxagenarios.

Emfim, a 13 de maio de 1888 a *Lei Aurea* extinguiu por completo a escravidão em nossa terra.

Muitos foram os brasileiros que trabalharam nesta santa causa de redempção aos captivos, salientando-se Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, João Alfredo Corrêa, e outros. Para tão edificante feito contribuiu grandemente a generosidade do coração da mulher brasileira representada aqui pela princeza D. Isabel, que, na ausencia de D. Pedro II. assumia a regencia do nosso paiz.

Um anno depois surgiu a república e hoje rendemos homenagens aos infatigaveis paladinos da abolição.



Festa patriótica

Tivemos o prazer de assistir a 3 de maio ao solenne juramento á bandeira, pelos jovens sorteados, na caserna desta

cidade, acto que se revestiu de grande deslumbramento, acudindo a elle todos que desejam o engrandecimento da nossa Patria.

Alliou-se a tão honrosa solennidade a festa regulamentar do grupo escolar "Conselheiro Mafra", prestando com o seu concurso, homenagens aos nossos defensores.

E, como se sentiam satisfeitas aquellas muitas creancinhas, "soldados de amanhã, unidas aos soldados de hoje, que foram os meninos de hontem," na muito bem dita phrase do seu esforçado e incansavel director.

Brasileiros, destes que sabem honrar o nome da nossa terra, o sr. Henrique Midon, deixa transparecer cada vez mais o seu amor ás cousas da nossa Patria. Falando elle aos soldados, só não sentiram os corações repletos de jubilo, os que não possuem nas veias o glorioso sangue dos nossos muitos e bravos antepassados.

Diante desta bandeira linda que resume o Brasil, enfrentada por um grupo de homens que juraram a defeza da Patria, foram as palavras do sr. Henrique Midon tão tocantes, falaram tanto ao coração, que todo o nosso passado de glorias nos appareceu corado pelos muitos louros que temos colhido.

Que actos destes se reproduzam pelo Brasil inteiro, tornando-se mais necessario ainda em presença do estrangeiro que

CLARIM

EXPEDIENTE

Numero do dia \$100

Atrazado \$200

CORRESPONDENCIA: Posta restante.

... assiste, para que elle, ouvindo os episodios lindos da nossa historia e o patriotismo que deixamos transparecer quando ouvimos falar no Brasil, se compenetre do nosso valor, perante as nações civilizadas.



Tiro 226

N'um eloquente e vivo exemplo de civismo, o brilhante Tiro 226, vem de ha muito, se impondo á admiração de todos e solicitando o seu lugar de justiça e merecimento na vanguarda dos tiros do Brasil, pelo seu garbo irreprehenivel e pela sua esmerada disciplina.

Quando n'um dia de festa nacional o temos desfilar, sentimo-nos ufanos e contentes da grandeza de nossa Patria; sentimo-nos seguros e convictos do patriotismo de nossos concidadãos.

Olhando o garbo de seus soldados e o sorriso franco que sempre n'um leve esboço brinca-lhes nos labios, compreendemos a boa vontade de todos, o amor, o carinho, a abnegação que elles sentem pelas cousas de nossa sublime e incomparavel Patria.

Do seu instructor sómente dizemos que é um militar recto nos seus deveres e que todos o estimam pelo seu valor e pelo seu franco devotamento ao engrandecimento de nossas instituições. Nós o admiramos, nós o estimamos assim, na certeza de que é pouco ainda, para o seu alto merecimento.

O „Clarim“ abraça os valentes soldados do 226 e rejubila-se com os seus feitos.



?...

... Nove horas da noite, soaram numha igrejinha proxima.

Do visinho quarto, mui surdinamente, ouço o melodiosissimo gemer de um violino.

Tento escrever e não consigo. Um turbilhão de cousas se me apresenta. . . E o violino prosegue na sua arrebatadora valsa.

Sinto um empolgante e elevado quer que seja, que me confunde e me enleia num conjunto de pensares que crucia.

Depois de ter levado por varias vezes a penna ao tintetro, sem comtudo ter escripto uma só palavra, sinto-me cansado, e

tão cansado como si tivesse trabalhado rusticamente o dia todo...

O violino parára, e agora, ainda mais cadencioso, entre trilados penetrantes, faz-me recordar. Pensará Ella em mim? . . .

Apoio a testa sobre a mão esquerda. Nesta posição, parecendo melhor communicar o coração á alma, fico como que adormecido. . . vejo a a sorrir num entremeio de alvas nuvens. . .

Levemente aproxima-se esta visão sublime. Um pouco mais, chega afinal bem junto a mim.

— Queres que eu te escreva, não é assim?

Como!

Pois não foste tão descortez para commigo em carta que dissesse ser escripta sob a influencia de um tenaz pessimismo? Que queres que te diga, se fizeste afugentar do meu Eu, esse amor que te consagrava? Meu amor por ti morreu, como morre uma florinha num descaído canteiro.

Já não te amo mais, e nada mais tenho a dizer-te, sinão confirmar o que te disse anteriormente: «Manda-me minhas cartas, que devolte-ei as tuas».

Adeus! Sejas menos rude para outra. E si é que teu amor por mim perdura, procura esquecer-me assim como eu te esqueci. Um outro me é mais docil e eu começo a amar-lhe como em tempos te amei.

Adeus!

Desperto.

Reinava então um léve chiar profundo, de um profundo silencio. Até a propria natureza, parecia sem vida.

... Si fosse mesmo verdade tudo o que me disse sua visão! . . . Quem duvidará que seja mesmo este o seu intento?

Ah bella loirinha! Si pudesses penetrar no meu intimo, si pudesses vêr, como eu sinto, o que me vae n'alma! Terias compaixão de mim, estou bem certo. E verias então, bem claro, o que me leva a proceder deste modo, cuja explicação, é bem difficil eu te dar. . .

LARBAK.

Joinville, 5 de Maio de 1920.



O Sabiá

„Ao meu nobre amigo Arlindo Macedo“.

Pousado numa frondosa mangueira, sobre a margem poetica de um rio, um sabiá, afinou as suas notas estridentes, cheias de sentimentos e de harmonias; e,

correndo a escala afinou-a toda, para, num canto suavissimo, cantar a Ave-Maria, como despedida d'uma tarde bella de maio.

Momentos depois começava a cantar. . . e, o seu canto abemolado ia repercutindo de valle em valle até perder-se por sobre os montes verdecentes.

Sob a pittoresca mangueira, cuja sombra era bellissima e aprazivel, existia um modesto banquinho feito de vime, onde assentei-me attrahido pelo cantar melodioso do bello passaro.

Procurei depois achal-o;—num galho ja, quasi secco, foi que elle preferiu pousar.

Fiquei devéras admirado vendo aquella originalidade, pois, sendo a arvore tão grande e copada, possuindo tantos ramos fortes e robustos, perguntava a mim mesmo, porque elle, o sabiá, teria escolhido aquelle galho que, tendo sido quebrado, estava secco e sem uma só folha. . .

Todavia, a tarde começava a fenece e o triste sabiá proseguia seu cantar lento traduzindo um amar immenso.

O passaro cantava . . . cantava . . . e eu assentado continuava cada vez mais ardoroso a admirar-o, como querendo comprehender o que exprimiam aquellas notas tão cheias de queixumes.

O sol que já havia desapparecido, deixou apenas no horizonte azul, o rubro calor de sua passagem.

Momentos depois vejo vir vôando em direcção á mangueira outro passaro, e' . . . eis que pousa no mesmo galho.

O sabiá então sacode as pennas e soltando um estridido fortissimo abandona o ramo que até então lhe era agradável, salta á outros mais robustos, cantando alegremente.

Compreendi pois a sua desdicta e porque escolhera aquelle galhinho tão secco e desprezado.

E' que elle tambem estava só, triste e abandonado . . . mas, tendo chegado a sua companheira, sentia-se agora forte e orgulhoso, desafiando o proprio infinito.

Compreendi tambem porque o seu cantar era tristissimo e queixoso: elle não cantava, chorava de saudade, chorava por se ver sózinho, tão sózinho, pois a sua predilecta, a sua alegria, o seu amor, estava ausente.

Fiquei devéras satisfeito, vendo depois vôarem juntinhos, como se fossem de braços dados em busca de seu ninho.

Entretanto eu ainda continuava perplexo, assentado no mesmo banco.

A noite desenrolando o seu manto escuro por sobre a terra, deixava vêr no azul infinito do céu as estrellas tremeluzirem . . . e, sobre mim cahio tambem o enorme manto da nostalgia.

Já não ouvia o cantar do sabiá, nem o via mais, porque bem longe e juntos por certo, estavam a fazer juras de amor e promessas de nunca mais se separarem.

Levantei-me então com rumo á casa, humilhado e invejoso do que assistira.

De inveja sim, porque pareceu-me então que elle comprehendeu tambem que era mais feliz do que eu.

E assim me recolhi á casa, ora sentindo a alma suspirar de saudades . . . ora de saudades sentindo a alma suspirar.

Joinville, 10-5-920

A. V.

As quintas.

A orchestra enchia o espaço com os sons extasiados de uma valsa de saudade e de amor...

Na tela João Valjean, impellido pela consciencia, apresentava-se ao tribunal de Versailles, e, a um canto do Theatro, um jovem em palestra com uma elegante dama, longe de prestar attenção à sublime obra de Victor Hugo, longe de definir os acordes ternos d'aquellas arrebatadoras notas... segredava-lhe aos ouvidos juras impossíveis, promessas illusorias, que o tempo desfaz, sepultando-as no eterno nada d'este nada eterno...

Os cabellos donados da donzella eram apertados pelas mãos febricitantes do jovem, e ella, na ingenuidade natural, de suas quatorze primaveras, julgava-o justo, amoroso e puro!

Quem a visse nesse admiravel colloquio, por certo diria: é o seu primeiro amor.

E era verdadeiramente amor que, pela primeira vez ella sentia.

E um amor puro, amor espontaneo e natural. Nascera n'aquella sala de projecções, como poderia ter nascido em qualquer outra parte!...

Quando a campainha com o seu estridulo electrico annunciou o fim da sessão, aquelle amor tinha para ella assumido proporções extraordinarias, tinha chegado ao apogeu...

O seu coração era todo conhecido d'elle, habitual "coqueirante", que fazia uma de suas travessuras a cupido... e inflexivel, era para ella, extranho, esphingico, indefinivel!...

O unico cuidado era conquistar-a. Dizer-lhe o que não sentia, formar castellos admiraveis, com a facilidade natural dos que têm a palavra facil: „Acostumado a amar a todas as mulheres, ainda não amara a nenhuma.“

Ella, submissa aos caprichos do seu coração que despertava para a sublimidade do amor, era toda transbordante de delicadezas, era toda cheia de infinitos carinhos, aquelle que a despertara para a vida...

Entretanto elle, doptado de um coração vazio dos sentimentos nobres da sinceridade, a estreitava no circulo apertado e mau de seu amor de meitiras!...

O baile attingia o maximo da animação, quando a convite paterno, a amorosa dama retirou-se... findara para ella uma festa maravilhosa, a maior e a melhor que assistira, e... para elle, mais uma levava em seu coração puro, a illusão de promessas mentirosas, para formar desillusão com a realidade amanhã.

Icaro

Cartas para longe.

Querida Laura.

Desejando as tuas noticias, trago-te as minhas: estou como quando te escrevi a ultima carta, bom, mas... com muitas saudades tuas, muitas e irresistiveis.

Desejo voar para o teu lado, contemplar-te com extase, ler nos teus olhares confidentes o sentir de teu coração sublime e puro.

Renovar com impaciencia as perguntas que por certasas de vezes te fiz, repetir as juras... tudo...

Segredavar-te bem baixinho e timidamente, como pela primeira vez, estas palavras magicas e sublimes; — magica, porque quando as pronuncio, sinto que devo repetil-as sempre... sublimes, porque são sinceras e puras, puras e sinceras, como as tuas: — amo-te, amo te...

Ha dias no „Bermer“ ouvi uma valsa, que é muito conhecida nossa, entretanto... ou porque estivesse com saudades tuas, ou porque fosse tocada com arte, pareceu-me nova e extranha e bella!...

Aquelles sons suaves e mysteriosos me produziram extases admiraveis, me fizeram recordar momentos de suprema ventura...

Quando cheguei á casa, na illusão da musica, ainda ouvi por toda a parte notas soltas d'aquella valsa de belleza nostalgica, — que tanta saudade me traduziu...

Querida, tudo que recorda alguma cousa de nosso amor; tem para mim, a magia do enlevo a sublimidade do encanto...

Lendo as tuas cartas, ou te escrevendo, tenho a illusão de que a sós conversamos; e, „sempre com as mesmas palavras digo-te cousas diversas“...

Que mais te posso dizer, senão o que te digô sempre?!...

Amo te, amo-te...

Bros

„A' Lilly“

O teu doce nome é o unico leitivo que consagro para suavizar as dores da saudade...

OIRAM

Ao „Pavel“

Feliz d'aquelle que se julga amado pela mulher que ama... D.

A, alguém

A calumnia é um dos mantos mais rego em que a humanidade está sujeita a se encobrir.

A' „T. Teixeira“

A tua ingratidão some-se nas ardentes chamas do amor que ainda te consagro.

SADY

O Leque de Ivette

Quando Ivette completou entre os folguedos santos de sua meninice garrula e gentil, os oito annos, a Condessa de Leraux amiga da casa, fez-lhe presente de um leque de riquissimas penas orientaes, com inscripções symbolicas e mythologicas... „maior que o thesouro de Herodes mais ritual que uma jura ao Deus Bahda, mais encantadora que uma paisagem amada, numa manhã de primavera, depois de uma ausencia de saudade, mais evocativa que a musica em surdina, numa cathedral em trevas... te sei esta recordação“, foram as palavras da Condessa, ao entregar o mimoso premio de sua dedicação e amizade às mãos de Ivette que, abrindo-o em desalinho, levou-o a altura do rosto meigo e numa travessura de polidez e discripção, com os olhitos a descoberto, pronunciou: — Obrigada, obrigada, prometto tel-o sempre ao meu lado com a maior dedicação.

Ivette vivia então em companhia de seus progenitores numa aldeia encantadora e poetica da patria de „Verniaux“.

Quando iniciaram nos estudos, demonstrou aproveitamento admiravel e extraordinaria applicação.

O tempo passava sereno e aquella infancia desaparecia lenta e desapercbidamente.

As quinze annos a educação de Ivette era completa, as suas maneiras eram perfectas e puras.

Conhecia os mais finos literatos do paiz. A sua bibliotheca caprichosamente organizada, era um conjuncto selecto dos melhores auctores contemporaneos.

Uma manhã, quando Ivette voltou da missa, encontrou em casa uma carta da Condessa de Leraux, datada de Paris.

Além de muitissimas cousas, dizia a Condessa: — Ivette. É's moça e necessario dar-te o segredo das inscripções do leque: — Existe em França um jovem, a quem eu offereci identica prenda, onde encontrarás a chave do enigma. Procura-o e serás feliz, infinitamente feliz!...

Em resposta a esta carta, desnecessario é dizer-se que, muitas e muitas supplicas fez Ivette para conseguir da Condessa o nome do jovem; baldado esforço! As inscripções eram falsas, mythologicas e o jovem só existia na imaginação forte da auctora!

Com o maior ardor por toda a parte foi procurado o jovem mysterioso, até que resignada, Ivette resolveu entregar o seu coração ao destino...

E... tempos depois, Ivette esposava um official do Exercito, que sonbára captiva-a. Foi então, nesse dia, que a Condessa, com muita ternura e bondade, explicou as inscripções, apontando o jovem militar —

Alli o tens: é o leque —

Quanto as inscripções, por certo conhecerás: é o seu coração!...

Aquelle presente constituiu o thesouro de um lar feliz e encantador e é guardado com a segurança e sinceridade de dois corações puros.

Quanta gente, não andará numa furia de carinhos e de afeições, a procura de chaves para incripções de imaginarios leques?!... Quanta gente?!...

Icaro

FLORES

E' mentira; não creias, meu amor; mentiram-te. Deixa as flores no quarto . . . Mentio-te quem disse que o perfume mata . . .

Que seria das borboletas si a alma das flores sahisse á noite pela treva calada com o mysterioso punhal do aroma para os messacres?

Não creias, meu amor, — quem te disse tal fabula mentiu covardemente.

As mimosas são incapazes de tração; não confunda o perfume com a aspide; e aqui te digo em segredo: si alguma rosa te ouvisse falar, não sei que vingança pequenina imaginaria a flor.

Deixa-as no quarto — durmamos com as innocentes companheiras . . . e não tenhas receio que aqui estou eu para guardar-te das ciladas . . .

Covardes as fiores . . . envenenarem durante o somno . . . calúnia!

Agora meu amor, se franca: si as flores envenenassem eu estaria a esta hora junto de ti beijando-te? E' entretanto, durmo todas as noites com as duas saudades de teus olhos, com a papoula da tua bocca, com as rosas das tuas faces e com os botões de magnolia dos teus peitos, aspirando todas essas flores e mais ainda o teu halito, que embalsama o aposento e espalha-se pela alcova para dar perfume ás flores . . .

Si o aroma envenenasse, que seria de mim, mimosa flor de minha companhia?

E' mentira; não creias meu amor; mentiram-te.

Deixa as flores, cerra as cortinas e dorme e perfuma o meu somno.

Coelho Netto.

Mulher

„Para a senhorita Carlota von Dreifus“

Sê o teu nome exprime um sentimento grande cheio de carinho e de bondade. Mulher! o teu nome repercute no coração da humanidade inteira, como um eco de suprema ventura.

E' em todo o universo, o ideal mais perfeito.

O que seria de nós, os homens, se não existisse para mitigar as nossas dores, para suavisar os nossos soffrimentos, o peito amigo de uma mulher querida.

Como seria monotono e insipido viver, não existindo esta creatura meiga e boa que o proprio coração chama mulher.

A mulher só tem como rival as fiores; contudo, estas, por si só, não teriam aroma nem belleza porque foi a mulher que, com a sua suprema bondade, as deu todo o encanto que ellas possuem.

Todavia a mulher é mui mais bella e divina que as fiores.

A natureza só deu ás fiores, arte, perfume e belleza; mas á mulher deu a voz cheia de brandura e suavidade para nós arrebatara a alma; os olhos cheios de carinho e de ternura, que nos deixam, quando os fictamos, como extasiadas, pelo mysterioso infinito que possuem; o coração, privilegiando-lhe com sentimentos indefiniveis; um porte gracioso e gentil como um anjo divino, enfim, fez na mulher, o ideal mais perfeito que podia inspirar o nosso coração.

Eis porque quando se nos depara uma mulher admiramola . . . e havemos de admirala eternamente, eternamente admirala.

Joinville, 9—5—920.

VINIO.



O brilhante pic-nic do „Gremio Crysanthemo“

Como estava projectado realizou-se domingo, o tão esperado pic-nic do sympathico „Gremio Crysanthemo“.

As nove e meia da manhã estavam todos localizados em caminhões, para partirem em direcção ao ponto determinado, que até então foi segredo das gentis senhorinhas.

Ao som d'uma valsa bella deu-se inicio á partida, que entre vivas entusiastas, deixava bem patente pelo seu percurso, o entusiasmo e a alegria de todos.

Embora mesmo o caminhão n. 31 «actualmente bond» estivesse um tanto fraco, dando incommodo ás mocinhas de saltarem muitas vezes, não fez contudo perder a animação que reinava.

Momentos depois estavam numa aprazível casa rodeada de verdentes laranjaes.

A directoria do „Gremio Crysanthemo“, não poupava esforços para bem satisfazer a todos, com carinho e gentileza.

Assim, brincando, dansando, rindo e folgando, passavam-se as horas sem serem sentidas porque alli ninguém estava triste, e sim numa satisfação geral.

Notamos entre os rapazes alli reunidos que . . .

o Pavel, estava immensamente satisfeito perto da sua bem amada,

— que o Bonifacio, era o menino chic da roda . . . mas, um tanto triste pela ausencia da sua Deusa . . .

— que o Cardoso estava guardando constancia e por isso não quis dançar . . .

— que o Vian bancou o comportado . . .

— que o Euclides Macedo era o pombo do pic-nic . . .

— que o Ribeiro gordo, comeu tanto a pontos de cortar o dedo, arre! . . .

— que o Juca Ramos com o seu olhar bondoso supplicava a sua Duleinea não esquecerlo . . .

— que o Abel sempre amavel era o confidente das moças . . .

— que o Midon não conquistou nada . . .

— que o Mario Strauch, só pensava, cheio de saudades, na pequena de Florianopolis . . .

— que o Deluqui mesmo dançando é „gool-Keeper“ de facto . . .

— que para o Arlindo tudo corria as mil maravilhas . . .

— que o Gervasio bancou o sympathico . . .

— que o Nardinho voltou bem triste . . .

— que o Egydio namorou uma pequena suco . . .

— que o Jayme bancou o serio . . .

— que o Müller voltou logo por não estar a sua ella . . .

— que a orchestra era . . . o suco . . .

— e que as moças eram a bondade personificada.

E, assim, chegaram as cinco e meia da tarde, encontrando todos cansados de tanto divertirem-se; todavia, em regresso ninguém ponde conter-se . . . todos cantavam com uma alegria indefinivel.

Assim, passou-se um domingo feliz que deixará no coração d'aquelles que lá estiveram, uma saudade infinita.

„Clarim“ envia os seus mais vibrantes sons de felicidade ao distincto „Gremio Crysanthemo“ desejando que uma aureola ditosa seja sempre o seu pharol.

„Clarim social“

A 9 do corrente commemorou seu anniversario natalicio o nosso prezado amigo Jayme Vieira.

O distincto anniversariante foi muito saudado, pela passagem de mais uma radiante primavera.

„Clarim“ almeja ao intelligente jovem conferraneo, um porvir feliz.

Viajantes

Em representação á fabrica de cigarros Linhares passou ha dias por esta cidade o jovem, Ferminio Vieira.

Acompanhada de seu progenitor esteve por alguns dias, em viagem de recreio, entre nós, a graciosa senhorinha Clara Bonn.

Casa Brasil

a que mais favorece á sua frequencia.